

# Axiologia e discurso patético: uma via de mão dupla

**Kathrine Butieri**

## Introdução

As ideias aristotélicas acerca das paixões, assim como a influência que elas exercem no juízo dos interlocutores do processo retórico, são conhecidas por diferentes abordagens. Entretanto, um dos lugares em que Aristóteles trata do conceito de paixão é no livro II de *Retórica*, onde a análise das paixões está ligada ao homem e ao seu comportamento social verbal, no contexto da vida política, como cidadão da *polis*, em que falar bem era condição essencial para exercer a cidadania.

A retórica, como a arte de bem falar, torna-se eficaz ao buscar na persuasão três grandes fatores, que incluem as paixões, de acordo com as lições aristotélicas: *ethos*, *pathos* e *logos*. Ainda que estes sejam essenciais por revelarem-se, como diria Galinari, “lados de uma mesma moeda”,<sup>1</sup> a importância do *pathos*, em sua faceta ético-política, é fundamental na constituição das ações dos interlocutores, pois o impacto pela persuasão do discurso patético pode ver alterados o juízo e os valores daquele que é acometido, o que poderia prejudicar a *polis*, como no referido contexto grego. Nesse sentido, cumpre-nos analisar como os valores podem ser alterados pelas paixões em uma sociedade; e como o discurso patético se infiltra e é infiltrado pela axiologia.

Em seu artigo “Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum”, Pedro (2014) distingue os conceitos de ética, moral, axiologia, valores e ressalta que a teoria sistemática de valores em Aristóteles, a “teoria das virtudes”, não é um valor axiológico, mas um bem. Para

---

1 Galinari, 2014, p. 257

a autora, os valores são o objeto de estudo da axiologia, e o que acreditamos ser valor, na verdade é um bem. Por exemplo, referimo-nos às virtudes verdade e beleza como valores, quando se trata de essências bem identificadas: a verdade é uma adequação do intelecto à realidade; a beleza é uma qualidade de algumas coisas que, ao serem contempladas, produzem em nós sensação agradável. Essas virtudes, em si, ainda não são valores, pois, por si só, não apresentam nenhum valor (mais valia); ainda são bens.

Todavia, um bem pode se transformar em valor quando satisfizer a condição de apreciação subjetiva. Dessa perspectiva, o que é valor? De acordo com a estudiosa, valor é a relação que o sujeito mantém com as coisas, isto é, “valor é a qualidade abstrata preferencial atribuída pelo sujeito suscitada pelas características inerentes de determinado objeto que satisfazem as necessidades e interesses daquele”.<sup>2</sup>

No âmbito deste estudo, tomamos o complexo significado de axiologia conforme a perspectiva de Pedro (2014), qual seja, a *vivência* de um valor. Nesse sentido, a axiologia é a experiência considerada de maneira fenomenológica que se apresenta à consciência como tal e como um acontecimento que nos é imediatamente dado em um grau de preferência. Portanto, a axiologia é o estudo dos valores que inclui o *pathos*, uma vez que este envolve a afetividade dessa *vivência*, e não há como um sujeito viver sem valorar, pois valorar é existir individual e coletivamente. Dessa maneira, o discurso patético que está submerso em axiologia poderá, também, alterar valores axiológicos, em uma via de mão dupla. Dessa perspectiva, tanto orador quanto auditório são sujeitos axiológicos, porque vivem em um mundo social em interação.

Com base nesses conceitos, estabelecemos a seguinte pergunta de pesquisa: o discurso patético se infiltra em bens ou em valores? Para respondermos a essa questão, definimos como objetivos: (a) refletir sobre os valores que predominam em uma sociedade na *vivência* de uma pandemia e (b) verificar como o discurso patético se infiltra e é infiltrado pela axiologia. A fim de desenvolvermos nossa explanação, organizamos este capítulo em três seções.

Na primeira seção, tratamos de alguns aspectos pertinentes aos valores axiológicos presentes na sociedade atual, especificamente na primeira fase do momento de pandemia de Covid-19, e de como o discurso patético, por meio da mídia, se infiltra nesses valores. Na segunda seção, analisamos um ponto em comum, envolvendo axiologia e *pathos*, nas abordagens dos teóricos Scheler (2001) e Meyer (2007). Na terceira seção, buscamos compreender como a desestabilização dos valores alcançou o dilema. Em síntese, examinaremos, neste trabalho, como as paixões, “medo” e “coragem”, alteram a percepção de “bens” e “valores” que constituem “vida” e “economia” na visão axiológica de uma sociedade em pandemia.

---

2 Pedro, 2014, p. 11

## Os bens e os valores na *vivência* de uma pandemia

Desde a época das *pólis*, antigas cidades gregas, até o momento contemporâneo, as paixões alteram valores traduzidos em ações na vida humana. Em nosso cotidiano, deparamo-nos com situações que dependem de julgamento, ora em hierarquia de valores de preferência, ora em conflito de valores em relação ao que consideramos bom, justo ou correto.

De modo geral, defendemos o “ser” (busca de virtudes) em valor de nível superior ao “ter” (apego aos bens materiais), no entanto, hesitamos entre esses dois valores diante de certos acontecimentos, como a situação imposta pela pandemia de Covid-19 (sigla de *Corona virus Disease* no ano de 2019). Especialmente na sua primeira fase, em março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) fazia suas recomendações, o “valor da vida” e o “valor econômico” foram alterados e a hierarquia de valores de preferência se desestabilizou.

Com base no estudo de Pedro (2014), em que é discutida a ambiguidade dos termos bens e valores, podemos entender que, no período que antecedeu a pandemia, vida e economia eram bens definidos e identificados: “vida”, de acordo com o *caput* do artigo 5º da Constituição Federal de 1988, é um bem maior a ser protegido, um direito; já “economia” se refere ao fornecimento de tudo quanto é necessário para suprir as necessidades da sociedade e manter relações e dependências recíprocas entre os cidadãos. Na fase pré-pandemia, vida e economia constituíam bens, pois eram dotados de determinadas qualidades objetivas e reais que poderiam satisfazer as necessidades do sujeito.

Contudo, quando passamos à condição pandêmica, elas se transformaram de bens em valores. O discurso patético se infiltrou nos sentidos estáveis de bem e alterou valores axiológicos, assim, vida e economia, que antes eram bens, pois havia estruturação bem identificada, transformaram-se em valores em maior ou menor preferência diante do julgamento individual e coletivo da população.

Além disso, podemos considerar que na relação sujeito/objeto a preferência subjetiva do sujeito foi ditada pela natureza do objeto e transformada em valores. Essa perspectiva de que os bens suportam valores também foi alvo de análise do filósofo alemão Scheler (2001), em cuja teoria, os valores são percebidos pela intuição emocional e deflagrados a partir da *vivência* dos bens. De acordo com esse autor, é por meio da percepção emocional que acessamos o mundo dos valores.

Nessa direção, o discurso patético se infiltra nos valores de um auditório e não em seus bens. Desse modo, podemos observar que, na *vivência* da pandemia, o medo da ameaça à vida se fez presente de maneira intensa entre quase toda a população mundial por meio da mídia, de decretos de isolamento social, de comprovações científicas. De maneira a contrapor esse sentimento, a notícia

publicada na revista *Veja*, em 6 de abril de 2020 (Figura 1), intitulada *Militares nas ruas: “O ideal é evitar o pânico e o medo excessivo”*, teve como intuito tranquilizar a população.

Figura 1 – Excerto da notícia veiculada na revista *Veja*



Fonte: Mattos (2020).

Na Figura 1, tanto o título e o lide quanto a imagem assumem o discurso jornalístico e têm a função de informar que as Forças Armadas estavam preparadas para enfrentar situações diversas decorrentes do cenário extremo provocado pela pandemia, como explicitado na imagem da ação preventiva de higienizar as escadas do metrô de Brasília. O discurso jornalístico, nesse caso, utilizou-se da foto como um fato na exibição da imagem daquele acontecimento e forneceu a informação com suposta “neutralidade” axiológica. No entanto, notamos que, nesse discurso, os “valores” estão camuflados pelo fato/informação, pois a relação que o orador mantém com o fato é de qualidade abstrata preferencial suscitada pelas características inerentes do acontecimento que satisfazem as necessidades e interesses do controle social por meio do discurso do medo.

Assim, a retórica está presente nesse discurso com o objetivo de persuadir, ou seja, o orador se vale de provas e apelos emocionais para demonstrar sua função precípua de fazer-saber para fazer-creer. Nesse sentido, apoiamo-nos em Reoul (2004) para refletirmos acerca da imagem que compõe a referida notícia

e, assim, considerarmos a seguinte questão retórica: a foto é uma imagem retórica a serviço do discurso ou a foto é o próprio discurso retórico? Caso entendamos que a foto está a serviço do discurso, o orador dispõe retoricamente dela como prova extrínseca coletada antes da *inventio*; caso entendamos que a foto é o próprio discurso retórico, o orador dispõe de uma prova intrínseca e, dessa forma, organiza o discurso patético para amplificação do fato na própria foto.

Por um lado, discordamos da declaração de Reboul: “a imagem é retórica a serviço do discurso, não em seu lugar”,<sup>3</sup> pois, na notícia em análise, a imagem passa a ser o próprio discurso retórico em conjunto com o título e o lide; ambas as linguagens, verbal e visual, têm o objetivo de persuadir, para tanto, o orador usufrui da foto como uma prova intrínseca. Por outro lado, concordamos com o autor no que se refere à ideia de a imagem ser notável para a retórica na amplificação do *ethos* e do *pathos* que nascem da conotação da imagem.<sup>4</sup> Vejamos a amplificação do *pathos* na imagem apresentada:

“**guerra**” – seis homens com vestimentas e equipamentos inusitados como em uma guerra (a imagem remete à cena de um filme de ficção em que é preciso combater o inimigo).

“**exército**” – gestos dos homens em movimento para eliminar o inimigo e a premissa no título e no lide: “militares nas ruas”, “Ministério da defesa”, “forças armadas”. Há também premissas implícitas não declaradas totalmente: Militares nas ruas, *então estamos em guerra!* Nesse caso, a principal premissa é feita apenas por implicação.

“**pânico**” – as expressões “evitar o pânico” e “medo excessivo” são premissas feitas por implicação, são fragmentos de raciocínio dedutivo abreviados em que julgamos por evidência, uma vez que só se evita algo que já está acometido.

Desse modo, ratificamos o entendimento de que, conjuntamente, imagem título e lide, nessa notícia, são provas intrínsecas, uma vez que o orador, ao buscar o componente afetivo perpassa por toda a composição do sistema retórico: *inventio*, *dispositivo*, *elocutio* e *actio*, e, em um único ato, a imagem se torna palavra e a palavra se torna imagem em uma cena representativa, sobretudo axiológica, porque possibilita construir conceitos e identidades.

Além disso, uma vez avaliadas estratégias da linguagem fotográfica, como enquadramento, dimensionamento da luz, profundidade de campo, regra dos três terços (forma tradicional de enquadramento fotográfico), percebemos mais claramente a intenção do orador na seleção da imagem como constitutivo da prova intrínseca (psicológica/patética). Embora tais estratégias refiram-se a elementos meramente técnicos, alteram nossa percepção, por exemplo, a

3 Reboul, 2004, p. 85

4 Ibid., p. 83

profundidade de campo expõe os elementos na foto com nitidez para destacar a verossimilhança, ao passo que a regra dos três terços promove o dinamismo da cena, pois não há um único foco no centro da imagem, há vários focos distribuídos em pontos de interseção.

No plano retórico, a imagem é fundamental, principalmente no discurso patético. Como afirma Aristóteles, “necessariamente, todos os prazeres ou são presentes na sensação, ou passados na memória, ou futuros na esperança; pois sentimos o presente, lembramos o passado e esperamos o futuro”.<sup>5</sup> Em vista disso, a imagem é o elemento que estimula a sensação, ela pode ser deflagrada pelo discurso ao se infiltrar nos valores e trazer à tona emoções, levando à persuasão do auditório, cujas crenças podem sofrer alterações.

Diante do exposto, podemos verificar pelo menos três maneiras de posicionarmos a imagem no discurso retórico: a imagem a serviço do discurso, a imagem como o próprio discurso e a imagem produzida pelo discurso. Esta última posição encontra fundamentação em Babo (2005), para quem, “toda a expressão remete para um conteúdo de dimensão imagética”,<sup>6</sup> exemplo disso é a imagem produzida pelo discurso sobre a *vivência* na pandemia na fase inicial da descoberta do vírus, sobre o que podemos refletir com base no filósofo Emilio Lledó:

Esse é o sentimento. Quando criança, vivenciei a Guerra Civil Espanhola, vi violência em toda a sua realidade brutal, mas era apenas isso, real. Ouvi as bombas explodirem, vi um paraquedas piloto cair, vi o fogo de um combate aéreo nos céus e também senti o cheiro da morte; eu vivi isso, era guerra, e sabíamos o que tinha de ser feito, mas isso, o que é isso? Onde está a violência aqui, qual é essa tranquilidade silenciosa que nos ameaça, esse perigo que não é ouvido, onde está? Esse vírus inodoro, incolor e insípido?<sup>7</sup>

Observamos, desse modo, que tanto a notícia como as impressões de Lledó reforçam, pela construção simbólica da realidade, a interpretação sobre a vivência da “guerra”, pautada em uma *retórica do medo*, que concentra em si um simbolismo importante, pois se há guerra, há inimigos a combater, há ameaças no ar, há necessidade de estratégias de defesa e de ataque. Nesse sentido, diante do *medo*, as ideias de causa, consequência, fato real ou fictício oscilam e revelam as orientações da conduta humana relacionadas à ameaça à vida.

---

5 Aristóteles, 1985, p. 37-39

6 Babo, 2005, p. 110

7 Lledó, 2020, s/p, tradução da autora

## Max Scheler e Michel Meyer: um ponto em comum

A relação entre a axiologia e as emoções pode ser encontrada não apenas em Scheler (2001), que propõe a ética fundamentada nos valores por meio das emoções no estado sentimental de prazer ou desprazer, mas também em Meyer (2007), filósofo que defende a subjetividade do *pathos* manifestada pelo ângulo prazer ou desprazer como um conjunto de valores implícitos. No entanto, Scheler analisa os sentimentos humanos por meio da teoria dos valores, ao passo que Meyer (2007) analisa o *pathos* como um dos componentes da unidade retórica infiltrada pelos valores.

Para Scheler (2001), os valores são percebidos pela intuição emocional no momento da *vivência*. O autor defende uma axiologia antropocêntrica e acredita no resgate do valor da pessoa humana por meio das emoções. Já Meyer (2007) evidencia as paixões nos valores do auditório, na hierarquia do preferível.

O enfoque da teoria de Meyer pode ser referenciado na notícia apresentada na Figura 1, pois para ele o orador deve levar em consideração as paixões do auditório, visto que elas exprimem o aspecto subjetivo. Assim, a pandemia responderá como um problema, também em função dos valores da subjetividade implicada. Quanto mais os valores vida e economia são postos em causa pelo problema “pandemia”, mais a paixão sustentada pelo medo vem a obscurecer e sufocar a problematidade que eles apresentam.

Segundo Meyer (2018), os valores geram o lugar-comum, as ideias convencionais, as opiniões em uma sociedade e reduzem as diferenças entre orador e auditório, como na notícia analisada, em que o orador escolheu a guerra e o discurso patético gerado pelo medo. Meyer defende, ainda, a racionalidade retórica exercida pelas paixões, que no caso da Figura 1, a sequência de sua análise definiria: uma questão de qualificação, “guerra”; de deliberação, “a paixão justificadora pelo medo”; e o que faz pensar como um fato, “factualização”.<sup>8</sup> O autor conclui que o *pathos* é a dimensão retórica que comporta: “as perguntas do auditório, as emoções que ele experimenta diante dessas perguntas e suas respostas e os valores que justificam a seus olhos essas respostas a essas perguntas”.<sup>9</sup>

---

8 Meyer, 2018, p. 147

9 Id., 2007, p. 40

## O conflito de valores e o dilema

Segundo Aristóteles, a prática das virtudes, identificada pelos valores, é agir corretamente, de maneira que as atitudes sigam a ética do equilíbrio. Nesse sentido, observa o autor que a

excelência moral (virtude moral), então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio-termo determinado pela razão. Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo.<sup>10</sup>

A coragem, por exemplo, seria uma virtude posicionada entre a covardia, “a deficiência”, e a temeridade “excessiva”. Assim, o filósofo propõe uma ética do meio-termo, na qual a virtude consistiria em procurar o ponto de equilíbrio entre o excesso e a deficiência. No entanto, no caso de exceção pela pandemia, esse ideal de equilíbrio da coragem foi desestabilizado, o que gerou conflito de valores, ocasionando o dilema.

Na fase inicial do isolamento social, no início da descoberta do vírus, as questões discutidas em torno do bem-estar social pairavam sobre o dilema em face da polarização entre cumprir as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e salvar vidas, de um lado; e evitar um colapso econômico, de outro. Economistas se insurgiram contra essa polarização, como o economista Richard Baldwin (2020), que afirmou ser um falso dilema politizado, uma vez que saúde pública e prosperidade econômica sempre andaram juntas.

Todavia, nosso interesse neste trabalho não é o de perseguir a verdade sobre o real acontecimento dos fatos, mas o de buscar compreender como o discurso patético pode alterar a percepção de bens e valores que constituem vida e economia sob o ponto de vista axiológico. Assim, verificamos que, em razão da desestabilização, o mundo deflagrou-se em um dilema, ou em um falso dilema, como explicitado na Figura 2, apresentada a seguir:

---

10 Aristóteles, 1985, p. 42



Figura 2 – Dilema e falso dilema no contexto da pandemia



Fonte: elaborada pela autora com base em excertos de notícias.<sup>11</sup>

O antagonismo entre priorizar a economia e proteger a vida humana da contaminação de um vírus levou a população mundial a vivenciar o conflito de valores, como covardia, coragem e temeridade, em que o discurso patético contribuiu para intensificar esse dilema. Podemos afirmar que o dilema ético-moral deve ser decidido com base em pressupostos e princípios individuais. De acordo com Scheler (2001), os valores obedecem a uma hierarquia e podem ser definidos em níveis: o primeiro nível corresponde à função do afetivo sensível; o segundo, à sensibilidade vital; o terceiro, ao sentimento axiológico; e o quarto, o mais elevado, ao valor do sagrado. As decisões, portanto, desenvolvem-se como um pêndulo da balança que irá para o lado que mais valorizamos, inclusive, pela moral religiosa “onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração”.<sup>12</sup>

Considerando o enfoque deste estudo, o *pathos* retórico, nosso entendimento é de que, por mais que tentemos agir por racionalidade, nossas emoções, de algum modo, permeiam os valores. Nesse sentido, observamos

11 As respectivas referências estão no final deste capítulo

12 Bíblia, Mt. 6:21

os conflitos de valores intensificados pelos discursos patéticos institucionais que nos levaram à polarização em um “equilíbrio de força”, isto é, em equilíbrio estático, como na segunda lei de Newton. Em outras palavras, em análise retórica, o auditório vivenciou o centro de um “cabo de guerra” na pandemia e ficou paralisado.

Reboul (2004) define o dilema como um tipo de argumentação quase lógica em que dois termos de uma alternativa levam à mesma consequência. Para o autor, a alternativa deve ser lógica, “é branco ou preto”,<sup>13</sup> e as cores intermediárias devem ser excluídas, de modo a não restar uma terceira alternativa.

Ainda na seara da retórica, Montefusco (2010) esclarece que o dilema não é apenas um tipo de raciocínio; é um raciocínio poderoso, uma vez que o oponente não tem nenhuma chance de escapar, pois está cercado por apenas dois lados. A autora chama a atenção para os estudos de Gabriel Nuchelmans, analista de raciocínios lógicos que entende o dilema como uma definição estratégica, Nuchelmans explica:

O dilema é uma disjunção de dois silogismos hipotéticos mistos e há dois casos especiais de argumentos condicionais com o nome de “*modus ponendo ponens*” que pode ser de construção simples (dilema positivo) “**Se P, então Q; P; Portanto Q**”: quando os dois antecedentes dos disjuntores contidos nas principais premissas levar a um consequente comum, temos uma **construção simples x dilema positivo**; quando os dois antecedentes desses disjuntores levam a consequências diferentes, temos um **dilema construtivo complexo**.<sup>14</sup>

De acordo com os estudos de Montefusco (2010) e com a experiência proporcionada pelo contexto imposto pela Covid-19, identificamos duas premissas:

**P** – Ficar em casa leva à preservação da vida;

**Q** – Sair de casa leva à preservação da economia (consequência vida).

Para a autora trata-se de um dilema de construção simples:

“**Se P, então Q; se não for P, então Q**” (ou, alternativamente, “**Se P ou não P, então Q**”) é seguido pela disjunção afirmativa em premissa “**P ou não-P**” e pela conclusão “**portanto, Q**”.

13 Reboul, 2004, p. 171

14 Nuchelmans apud Montefusco, 2010, p. 380, grifo no original, tradução da autora

A tabela verdade expõe essa lógica de  $p \vee q$  na proposta de Nuchelmans<sup>15</sup>:

| <b>p</b> | <b>q</b> | <b><math>p \vee q</math></b> |
|----------|----------|------------------------------|
| V        | V        | F                            |
| F        | V        | V                            |
| V        | F        | V                            |
| F        | F        | F                            |

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela-verdade>

Segundo o autor, o recurso do raciocínio lógico do dilema é muito eficaz para fins retóricos, porque disjuntores contraditórios ou verdadeiros não permitem uma terceira alternativa. A proposição disjuntiva “P or not- P” deve realmente ser verdade. Assim, temos que na primeira linha (p) ficar em casa; (q) sair de casa; ( $p \vee q$ ) é falso, e, assim sucessivamente, o que evidencia a construção lógica do dilema.

Embora Nuchelmans (1991) tenha tratado o dilema como uma grande estratégia retórica, entendemos que ele pode ser uma armadilha. O dilema pode impedir o espaço próprio da retórica, isto é, o lugar da controvérsia, uma vez que impede a argumentação interativa da negociação, e, em virtude disso, pode invalidar a discussão devido à polarização que só permitirá a escolha de uma das alternativas.

## Considerações finais

A axiologia está infiltrada no discurso patético, assim como, o discurso patético poderá alterar valores axiológicos. A teoria sistemática de valores de Aristóteles, a “teoria das virtudes”, é dividida em “bens” e “valores”, como explicitamos nos exemplos apresentados. Entendemos que os bens e os valores, assim como a natureza dos objetos vida e economia, conforme a visão axiológica, podem ser transformados na presença de circunstâncias adversas, como é o caso da situação de pandemia que vivenciamos.

De forma mais ou menos intensa, as paixões transmitidas pelo discurso concentram em si conceitos relacionados a valores e, por mais racional que demonstre ser, a potencialidade retórica pode fazer com que o auditório, como expusemos em nossa análise, experimente o desequilíbrio em relação a sensações

<sup>15</sup> Nuchelmans apud Montefusco, 2010

de medo, coragem e temeridade, até alcançar o dilema e o comportamento de paralisação.

Nesse contexto comunicativo retórico, verificamos que as emoções são indispensáveis para nossa vida racional e são elas que permitem o equilíbrio das nossas decisões, uma vez que as emoções podem decidir comportamentos.

Os valores vistos como identidade individual, mesmo dentro de um coletivo, são geradores de escolhas referenciados pelas emoções, e quando flexibilizados, podem resultar em dilemas ou se perder. Contrário a isso, temos de perscrutar nossa existência no mundo em relação aos acontecimentos e refletir sobre isso, como no imperativo de sobrevivência declarado por Euclides da Cunha em *Os sertões*: “ou progredimos ou desaparecemos”.<sup>16</sup>

A análise da axiologia e do discurso patético no contexto de pandemia como o que vivenciamos deve levar em conta os traços que permitem reconhecer um ato retórico que objetiva mover o outro para estabelecer acordos e, nesse caso, potencializar paixões. Desse modo, entendemos ser possível fazer sentir para fazer crer e alterar eficazmente o comportamento social.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. de Mario da Gama Cury. Brasília: UnB, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Retórica*. Trad. introdução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.
- BABO, M. A. A dimensão imagética da metáfora. In: Cardoso e Cunha, T. (Org). *Revista de Comunicação e Linguagens*, número 36-Retórica, Lisboa: Vega, pp. 103-112, 2005 disponível em:  
<https://scholar.google.com.br/citations?user=bf6kTcwAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>  
 Acesso em: 15 jul. 2020.
- BALDWIN, R. *Coronavírus: 'dupla curva' mostra que escolher entre salvar vidas ou a economia é falso dilema*. Entrevista à BBC News. 13 abr. 2020. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/bbc/52209542\\_coronavirus-dupla-curva-mostra-que-escolher-entre-salvar-vidas-ou-a-economia-e-falso-dilema.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/bbc/52209542_coronavirus-dupla-curva-mostra-que-escolher-entre-salvar-vidas-ou-a-economia-e-falso-dilema.html). Acesso em: 13 ago. 2020.
- BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.
- CUNHA, E. da. *Os Sertões* da 2. Ed. São Paulo, Cultrix, 1975, p. 72
- GALINARI, M. M. *Logos, ethos e pathos: três lados da mesma moeda*. In: *Alfa*, São Paulo, 58 (2): 257-285, 2014, disponível em:

---

16 Cunha, 1975, p. 72

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1981-57942014000200257&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-57942014000200257&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 2 mai. 2020.

LLEDÓ, E. *Ojalá el virus nos haga salir de la caverna, la oscuridad y las sombras*. 29 mar. 2020. disponível em: <https://elpais.com/cultura/2020-03-28/emilio-lledo-ojala-el-virus-nos-haga-salir-la-caverna-la-oscuridad-y-las-sombras.html>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MEYER, M. *A retórica*. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad. de António Hall. Lisboa/Portugal: edições 70, 2018.

MONTEFUSCO, L. C. Rhetorical use of dilemmatic arguments. In *Rhetorica*, Vol. 28, No. 4 (Autumn 2010), pp. 363-383, disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/10.1525/rh.2010.28.4.363>. Acesso em: 2 mai. 2020.

PEDRO, A. P. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. In: *Revista Kriterion*, n.130, Dez/2014, p. 483-498 Belo Horizonte, disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200002). Acesso em: 2 mai. 2020.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHELER, M. *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético*. Trad. Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, 2001.

### Referências das notícias

**AB2L** - Associação Brasileira de Lawtechs & legaltechs. Disponível em:

<https://www.ab2l.org.br/entre-bentham-e-kant-covid-19-e-a-retomada-do-dilema-mais-famoso-da-filosofia/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

**Gazeta do povo**. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/crise-coronavirus-valor-vida-recupera-cao-economia/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

**ILMT** – Instituto Liberal de Mato Grosso. Disponível em:

<https://ilmt.com.br/covid-19-e-o-dilema-do-trem-voce-nos-trilhos-e-o-governo-na-alavanca/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

**Le Monde**. Disponível em:

[https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/30/face-au-covid-19-le-choix-entre-sante-ou-libertes-est-un-faux-dilemme\\_6034887\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/30/face-au-covid-19-le-choix-entre-sante-ou-libertes-est-un-faux-dilemme_6034887_3232.html). Acesso em: 30 mar. 2020.

**New York Times**. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2020/03/23/us/coronavirus-dilemmas-travel-social-distancing.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

**O Globo**. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/fernandez-enfrenta-dilema-de-como-tirar-argentina-da-quarentena-da-covid-19-24402048>. Acesso em: 30 abr. 2020.

VEJA. **Militares nas ruas**: “o ideal é evitar o pânico e o medo excessivo”. 6 abr. 2020. disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/militares-nas-ruas-o-ideal-e-evitar-o-panico-e-o-medo-excessivo/>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

